

PASTORAL DA FAMÍLIA E AIDS. COMUNICAÇÃO, SAÚDE E CONSCIENTIZAÇÃO

José Antonio TRASFERETTI

INTRODUÇÃO

Este texto¹ procura registrar a comunicação (informação), no todo, sobre a AIDS, abordado pela Igreja Católica como orientação às famílias, através da programação da Pastoral da Família em três Paróquias da cidade de Campinas. Sabemos que este tema é um dos grandes desafios por parte da Igreja Católica neste começo de milênio².

Portanto, nosso objetivo é destacar o tema AIDS, a comunicação (informação), na Pastoral da Família. Analisar as mensagens (a comunicação) sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), em especial, a AIDS, através dos programas de orientações aos casais.

Diante do avanço da epidemia do HIV e o fenômeno de "interiorização", ou seja, a AIDS não é apenas uma doença da metrópole,

⁽¹⁾ Este artigo contém os principais conteúdos da pesquisa. A pesquisa completa e original estará sendo apresentada em alguns Congressos de Teologia e Comunicação.

⁽²⁾ Artigo referente ao projeto Iniciação a Pesquisa que teve o incentivo do CEAP – Coordenadoria de Apoio à Pesquisa, sob a orientação do Prof. Dr. José Trasferetti, com a participação dos alunos Alexander Luiz Dezotti, André Luiz Fávero e Sandro de Souza Portela, do Instituto de Teologia e Ciência Religiosas da PUC-Campinas. Este artigo foi apresentado preliminarmente na consulta VIH/SIDA em San Salvador, El Salvador, na Universidad Centro-americana – UCA, setembro de 2001. Também apresentado na IV COM SAÚDE – Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde, em Vitória (ES) na FAESA, outubro de 2001.

pois os novos dados do Ministério da Saúde apontam para a "pauperização e interiorização da epidemia atingindo populações cada vez mais distantes da informação e desprovidos de proeminência social", além do alto crescimento em casais heterossexuais, principalmente, nas mulheres, buscaremos identificar qual a contribuição na orientação sobre a AIDS na Pastoral da Família da Igreja Católica, diante de novos quadros da doença.

A realidade sob o aspecto da AIDS não é muito positiva. Devido às transformações e evoluções do quadro epidemiológico, segundo os especialistas o vírus que causa a AIDS, o HIV, está se tornando cada vez mais resistente às drogas usadas no tratamento. Por exemplo, nos Estados Unidos, a maioria dos portadores do HIV toma um coquetel de três drogas para manter o vírus sob controle. E "cerca de 78% dos 1.500 portadores examinados pelos autores do estudo tinham um tipo de vírus imune a pelo menos uma das drogas usadas no chamado coquetel anti-Aids. E, em mais da metade dos casos, os vírus eram resistentes a mais de um dos remédios" (BBC, 2001).

Nos reportando para o Brasil, com nível populacional de 169,8 milhões de habitantes, concentrando 2,8% da população mundial³, podemos observar que existe uma importante iniciativa por parte do governo no que se refere à prevenção e divulgação dos cuidados a AIDS. Apesar do crescimento populacional e da concentração da miséria, pois, segundo o último censo publicado em dezembro de 2001 o Brasil concentra 50 milhões de miseráveis, os programas de prevenção, educação e atenção aos soropositivos estão se desenvolvendo a contento. Entretanto, é preciso uma política social que diminua a desigualdade social, que estimule o emprego e que fortaleça a educação.

Com relação à atuação da Igreja, devemos registrar em primeiro lugar qual a mensagem utilizada pela Pastoral no que se refere à saúde, no caso da AIDS em comunhão com a idéia oficial da Igreja Católica, caso haja alguma mensagem a respeito, e analisar seu discurso proveniente dos emissores (padres, coordenadores, animadores). O teólogo João Batista Libânio nos mostra que diante da

⁽³⁾ Fonte: Notícias UOL. *Mais idoso, o Brasil chega a 169,8 milhões de pessoas*, 19 de dezembro de 2001.

AIDS são necessárias solidariedade e caridade cristãs (LIBÂNIO, 2001, p. 11). Tentando encontrar o caminho da solidariedade, procuramos realizar esta pesquisa. Mais do que a solidariedade, buscamos destruir o preconceito que caracteriza o comportamento de muitos religiosos diante da AIDS. A teologia precisa encontrar o seu espaço nesta sociedade complexa. Estamos à procura de um pensamento que, sem trair o magistério, na fidelidade do evangelho, seja resposta viva aos homens e mulheres de hoje.

Os teólogos Trasferetti e Di Lascio (2001, p. 3), falando sobre a AIDS e os desafios que a teologia católica tem neste novo milênio assim afirmam: "Que a teologia católica não se omita e ajude a construir uma sociedade mais justa onde o preconceito seja banido do nosso meio". Portanto, tentando não ser omissos, buscamos fazer esta pesquisa com o intuito de colaborar com a teologia e com a práxis dos cristãos no mundo moderno.

Nesta pesquisa utilizamos o método qualitativo. Apresentamos algumas hipóteses como por exemplo: a mensagem sobre a AIDS na Pastoral da Família nas paróquias escolhidas reflete ou não a mesma comunicação real sobre a doença (estatísticas, meios de transmissão e contaminação) passada pelos meios de comunicação ou propagandas? O assunto (tema) AIDS não é abordado pela Pastoral da Família, por decisão da posição da Igreja em relação aos elementos vinculados à AIDS, como a sexualidade: os padres e coordenadores da Pastoral da Família não estão preparados para o diálogo entre casais, sobre temas mais fortes, apesar de realistas, porém, temas ligados aos tabus da Igreja?

Para a pesquisa utilizamos tipos de fontes de informação classificadas como *observação direta* e *documental*. De acordo com Luna (1998, p. 51) a "observação direta refere-se aos registros de uma dada situação/fenômeno enquanto ela/ele ocorre. Não raro, essa fonte é citada, principalmente na pesquisa empírica, como a mais direta das fontes, o que é verdade em várias circunstâncias". No entanto, como ocorre invariavelmente em metodologia, também utilizamos a fonte *documental*, como fonte de informação que, de acordo com Luna (1998, p. 53), "assume diferentes formas: literatura pertinente a um assunto, anuários estatísticos e censos, etc. são todos exemplos de fontes de

documentais. Como ocorre em relação às demais fontes, as informações obtidas em documentos podem ser diretas e indiretas (...). Esta fonte foi fundamental para demonstrarmos as estatísticas sobre a AIDS de acordo com os dados do governo federal, Ministério da Saúde e ONGs. Também a fonte documental nos serviu para que justificássemos a mensagem e a idéia da Igreja Católica sobre a AIDS, através de sua doutrina cristã e documentos oficiais.

Nas constantes visitas às Paróquias foram analisados os programas de orientação aos casais na Pastoral da Família e a questão da AIDS em si, como um assunto de muita importância a ser transmitido em grupos e encontros de casais. A nossa surpresa maior: as Paróquias Divino Salvador e Nossa Senhora da Evangelização não possuem Pastoral da Família organizada. Neste ponto, tivemos de analisar, então, os programas ou encontros destinados à família que ocorrem durante o ano.

Os dados e pesquisas em DST/AIDS mais atuais do Ministério da Saúde revelam que o número de casos em AIDS no Brasil é de 210.447 pessoas. Desde 1996, a epidemia vem crescendo, em média, 20 mil novos casos por ano e que revela uma estabilização no número de novos casos. "A transmissão heterossexual representa 26,6% dos casos notificados em 1980-2001, a transmissão homossexual representa 17,2%, a bissexual 9,8% e o uso de drogas injetáveis é responsável pela maior parte dos casos registrados" (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001). Quanto aos portadores do vírus da AIDS, o HIV, de acordo com o Ministério da Saúde, no Brasil existem aproximadamente 597 mil portadores. "Desses 597 mil portadores incluem-se as pessoas que desenvolveram AIDS e excluem-se os óbitos(...) Em média, a pessoa infectada pelo HIV demora de 8 a 10 anos para começar a desenvolver os sintomas de AIDS. Só então, ela será notificada como caso de AIDS" (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2001).

1. TEOLOGIA E AIDS: VISÕES DE UM CONFLITO

A AIDS é um tema que está sempre ocupando as páginas dos jornais ou programas televisivos. Conseqüentemente, quando se

comenta sobre a AIDS, a Igreja Católica, muitas vezes, também é questionada. Em setembro de 2000 o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou uma matéria sobre a delicada relação entre Igreja e órgãos que desenvolvem trabalhos sobre doenças sexualmente transmissíveis, assim como está no título da matéria, "Unaid's acusa Igreja de minar prevenção". De acordo com o diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para a AIDS (Unaid's), Peter Piot, a "Igreja Católica é um empecilho aos programas de prevenção à doença na América Latina e Caribe" (JANSEN, 2000, p. 07). Segundo o diretor, "em alguns países a Igreja faz 'contrapropaganda' do uso da camisinha. A divulgação de informação falsa sobre os preservativos é inaceitável; é um absurdo dizer que não são seguros e não garantem proteção" (JANSEN, 2000, p. 07).

Não é de hoje que conhecemos os diálogos, encontros, críticas e posições acerca da AIDS tanto no campo religioso, como nas instituições sociais que trabalham esta questão. Em junho de 2000 a Igreja promoveu um encontro em Itaipu/SP, no qual analisava este problema. Intitulado como "AIDS e desafios para a Igreja do Brasil" a Comissão Nacional de DST/AIDS, a Pastoral da Saúde e CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) durante quatro dias, se mobilizaram para averiguar os principais pontos: "Ser um esforço de reflexão e de ação das ONGs católicas ligadas a DST/AIDS; ajudar à população, especialmente os jovens e os pobres, na luta contra a AIDS através da divulgação de dados sobre como se prevenir do vírus e de atenção especial aos portadores; divulgar os princípios da ética cristã quanto à valorização da vida, e a humanização da sexualidade" (RIXEN, 2000).

Em março de 1999, a Comissão Técnico-Científica da Pastoral Nacional da Saúde/CNBB criou a Comissão Nacional de DST/AIDS. A comissão é constituída de padres, religiosos e leigos, que já atuam na área de prevenção-assistência e assistida por um Bispo, geralmente indicado pela CNBB. Desde então, essa Comissão vem trabalhando no sentido de promover a troca de experiências entre os grupos católicos que atuam nas áreas de ONGs Católicas; divulgação de trabalhos existentes; transformar a preocupação da Igreja em ações concretas, integradas à pastoral de conjunto, de acordo com as normas da Igreja (Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil);

ser o elo e intercâmbio entre as ONGs/AIDS, movimentos religiosos e pastorais da CNBB; elaborar subsídios educativos para prevenção das DST e AIDS; contribuir na formulação de políticas públicas direcionadas à preservação e assistência dos portadores de HIV; criar Comissões de DST/Aids em âmbito diocesano e regional.

Portanto, esta Comissão tem um grande desafio: aproximar a Igreja Católica aos problemas da sociedade pós-moderna. A ação da Igreja consiste em encarar a problemática das DSTs e do vírus HIV, no sentido de conscientizar os fiéis e acolher os infectados:

“(...) procura, com o mesmo espírito de Jesus, conscientizar e apoiar as pessoas portadoras de HIV. A Igreja tem a consciência de que o preventivo mais eficaz é a educação. Não só uma educação que ajude a identificar as formas de transmissão, porém um comportamento mais consciente de uma sexualidade. Com isso busca-se uma educação que ultrapasse o nível meramente informativo e contemple uma visão integral da pessoa humana, para além de uma perspectiva meramente biológica. Uma educação sexual que resgate a visão sábia da sexualidade humana, afetiva e psíquica. Que incentive a viver a fidelidade na união do homem com a mulher no matrimônio, superando formas de promiscuidade e libertinagem. A Igreja convida a todos para o sério trabalho de prevenção da Aids, de forma especial junto às famílias carentes e a juventude” (COMISSÃO NACIONAL DE DST/AIDS, PASTORAL DA SAÚDE – CNBB, 2000).

No entanto, para órgãos leigos o discurso não é tão otimista assim. De acordo com Piot no que se refere à divulgação do uso da camisinha, a Igreja acaba atrapalhando, devido à sua forte oposição. “A camisinha é uma forma de salvar vidas” (JANSEN, 2000, p. 07). Piot ainda afirma que apesar desta resistência, não podemos encarar essa atitude como um todo. “(...) A Igreja não é uma instituição monolítica. Há

diversos grupos que apóiam as campanhas. Nos países católicos da Europa não têm encontrado resistência" (JANSEN, 2000, p. 07).

A Igreja Católica, por sua vez, divulga uma palavra que sempre está voltada às orientações práticas que se estendem às numerosas áreas em que atuam as pastorais sociais. Afirma a Igreja:

"Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos é um contratestemunho, e celebra indignamente a liturgia (DGAE, Doc. 61, CNBB, n.º. 195). (...) Mesmo sendo certo que a contaminação pelo vírus HIV não se dá apenas pelo uso do sexo, cumpre-nos anunciar os valores morais e evangélicos de nossa Fé Cristã! Eles exigem, sem dúvida, o respeito à própria pessoa e à pessoa do outro. Incluem, muitas vezes, a renúncia e o autodomínio, como ensinamento do próprio Mestre Divino e expressão de nossa adesão a Ele. A partir deste ensinamento, é nosso dever alertar que o uso do sexo fora do Matrimônio é irresponsável, fere a dignidade da pessoa humana, é contrário à Lei do Senhor da Vida e, portanto, é pecado que deve ser evitado. Estamos convictos de que somente os valores evangélicos promoverão verdadeiramente a pessoa humana, pela qual o mesmo Jesus Cristo entregou sua vida, 'para que todos tenham Vida' (Jo 10, 10)" (32º ASSEMBLEIA GERAL DA CNBB, 1994).

De acordo com dados da Unaid, o Brasil é líder do ranking de AIDS na América Latina e Caribe: são "540 mil casos da doença".⁴ O coordenador do Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, Paulo Teixeira, afirmou que somente no ano de 2000 o governo federal destinou para tratamento e campanhas de prevenção a AIDS, R\$ 1 bilhão. Desse total R\$ 5 milhões foram reservados para campanhas

⁽⁴⁾ Fonte: Relatório do Programa das Nações Unidas para Aids (Unaid), *O Estado de S. Paulo*, 07 de novembro de 2000.

feitas por ONGs, voltadas para homossexuais (PENNAFORT, 2000, p. 07).

Portanto, poderemos observar todos os esforços das várias frentes para a amenização da AIDS no Brasil. É evidente que o resultado positivo só será válido se houver uma mobilização geral em que congrega sociedade, Igreja, poder público (caráter Federal, Estadual e Municipal), meios de comunicação, institutos de pesquisa, universidades, Organizações Não-Governamentais etc. Outro fator muito importante é a comunicação interpessoal, seja entre médicos-pacientes, educadores-alunos, padres-fiéis. O processo de conscientização muitas vezes depende de uma comunicação eficiente entre as pessoas, organismos e veículos. No que se refere à comunicação interpessoal entre clérigos e fiéis sobre a AIDS, no âmbito de orientação às famílias (casais) é uma preocupação da nossa pesquisa. Com isso poderemos identificar comparativamente as teorias da Igreja Católica no que se refere à AIDS (documentos oficiais) e as práticas discursivas aplicadas localmente em algumas paróquias através da Pastoral da Família.

2. PRINCIPAIS RESULTADOS

Vejamos as principais informações sobre a Pastoral da Família e/ou programas de orientação aos casais das paróquias Nossa Senhora da Evangelização, Divino Salvador e São Geraldo Magela.

Perfil 1

A paróquia Nossa Senhora da Evangelização foi criada há três anos, mas já existe como comunidade há 30 anos. No seu território residem cerca de 20.000 pessoas, sendo que 10% participam semanalmente das celebrações locais. O perfil econômico é o de uma paróquia de classe média baixa. Nas mediações do bairro existe uma mistura urbana entre casas pobres e casas de alto padrão de condomínios fechados. O bairro fica próximo a um dos *shoppings centers* mais importante de Campinas, fazendo com que a região se

autovalorize. O padre responsável é José Antonio Trasferetti, há três anos na paróquia.

Quando a paróquia foi criada, alguns paroquianos tinham contato com o Centro de Orientação Familiar – (C. O. F.). A partir daí surgiu o Encontro de Casais com Cristo – (E. C. C.), em sua primeira fase no ano de 2000. Desde então casais participantes reúnem-se quinzenalmente para palestras, tendo obtido como resultados: problemas familiares auxiliados, criação de amizade entre casais, abrindo possibilidades de diálogos/aberturas entre os mesmos.

O tema da AIDS ainda não foi abordado nem direta e nem adequadamente nos eventos da paróquia. O principal argumento sobre esse assunto de AIDS é o preconceito por parte do povo e dos fiéis.

Nos encontros da Paróquia Nossa Senhora da Evangelização são discutidos temas referentes à vida familiar e à vida da Igreja. Não são abordados métodos contraceptivos. A justificativa maior foi de que o discurso da Igreja não permite que se fale sobre este assunto. Portanto, o assunto AIDS não é um tema abordado nos encontros de casais e nem em reuniões fechadas da Pastoral da Família. Ainda prevalece o discurso de que a sexualidade no casamento deve ser tratada como: “O sexo só é válido no casamento, com amor”; “a fidelidade no casamento”, etc. O tema sobre a sexualidade é muito superficial nas pastorais, ou seja, nas paróquias em si. Na paróquia Nossa Senhora da Evangelização ainda se trabalha o tema de “educação dos filhos”, mas, mesmo assim, não é explicada a questão ou a gravidade da AIDS para os jovens. Não se comenta sobre as drogas, nem educação sexual, mas apenas sobre a importância do diálogo com os filhos e valores morais indicados pela doutrina católica. Ou seja, referência sobre o mal e o bem; certo e errado; sobre pecado e sobre a absolvição.

Durante o curso de palestras do E. C. C. foi lembrado um tema como: “harmonia conjugal”, no qual o exemplo foi sobre a gravidez indesejada, que levou a um aborto provocado, que o casal se arrependeu e “venceu por causa da fé”. Neste discurso o mais importante é o destaque da fé do que da questão do aborto em si, ou da gravidez indesejada. Na verdade, as paróquias ainda não estão preparadas

para orientações no campo sexual, afetivo, por conta da doutrina católica que esbarra nos valores sociais, culturais e jurídicos.

Mais do que delicado e desafio por parte da Igreja, a comunicação natural e espontânea por parte de membros religiosos e fiéis sobre a AIDS, acarreta uma série de complexidades ainda em desenvolvimento – muito lenta por sinal – na esfera clerical.

No que é do interesse da pesquisa, sobre a comunicação e/ou informação da AIDS na Pastoral da Família podemos concluir que na paróquia Nossa Senhora da Evangelização “a atuação eclesial não muda, pelo contrário, reproduz o pensamento da Igreja sobre esse assunto”. Tudo isto para evitar inconveniências e discussões para além da doutrina católica.

É bom ressaltar ainda que a Pastoral da Família não está organizada na paróquia e que existe pouca eficiência na informação sobre a AIDS. As pessoas não estão preparadas para abordar a questão. As informações sociais e científicas são precárias. A falta de informação está associada à timidez e vergonha com que a própria Igreja trata a questão. Certamente, a Igreja inibe as pessoas fazendo com que as mesmas não busquem esclarecimentos e informações sobre o assunto. Mais ainda, o tema AIDS está associado a outros temas considerados tabus dentro da própria Igreja, tais como: a sexualidade, o preservativo, a fidelidade, as relações pré-matrimoniais, as relações extraconjugais, a indissolubilidade do matrimônio e tantos outros. A pesquisa nos mostra, que “os agentes de pastoral” preferem “camuflar” (escamotear) o “assunto-problema”, do que enfrentá-lo. Neste sentido, é muito mais gostoso falar de relacionamento entre pais e filhos, do que AIDS, porque o tema AIDS vai nos levar a questionar dogmas e doutrinas, e vai exigir uma nova postura em muitas questões difíceis da moralidade católica. “Ainda não estamos preparados (padres e agentes de pastoral) para formular uma nova doutrina em moral sexual, por isso, preferimos transmitir um discurso doutrinal ideal (embora fora da realidade) do que construir outra moral, mais atualizada, moderna e aberta ao mundo de hoje” (TRASFERETTI, 2001).

Perfil 2

A paróquia do Divino Salvador nos é muito conhecida. Há cinco anos o pároco responsável é José Arlindo de Nadai. Sua área de abrangência enquanto território paroquial é central, mas acolhe pessoas vindas de outras diversas paróquias da cidade de Campinas e, por vezes, até de outras localidades circunvizinhas. O perfil econômico da paróquia é de classe média alta em sua grande maioria. Há, porém, aqueles que habitam aquela região, mas que hoje já não são mais tidas como de classe alta, apenas de famílias tradicionais.

Iniciamos a entrevista já tratando da questão dos trabalhos das pastorais familiares e o tema da AIDS. Percebemos a ausência de uma pastoral familiar organizada. Segundo o próprio Pe. Nadai há apenas casais em sua paróquia enquanto grupos organizados. São: Equipes de Nossa Senhora (movimento familiar para uma espiritualidade conjugal) e um grupo de casais, cerca de 12, que organizam e atuam de maneira direta nos cursos de preparação para o matrimônio.

Quanto às Equipes de Nossa Senhora o padre nos esclareceu que em sua paróquia há casais que participam deste movimento, mas que eles não seguem orientações da comunidade paroquial e nem mesmo do pároco, e sim, da organização nacional do movimento.

Conversamos sobre o grupo organizado que trabalha a questão dos noivos em vista do matrimônio. Esses casais, como já dissemos, cerca de 12, reúnem-se todas às segundas-feiras e, sempre que possível, o padre está junto, acompanhando, orientando, aconselhando e até mesmo auxiliando com reflexões e orientações da Igreja. Nos explicou que este grupo já está atuando em sua comunidade desde o início dos anos 90.

No início eles tinham um cronograma de atividades que era fixado para todos os cursos de noivos, ou seja, seguiam um esquema que não mudava nunca: os temas tratados eram sempre os mesmos. Pensando nisso, reestruturaram a maneira de organizar o curso e passaram a fazer um "curso participativo". Teoricamente, os encontros que eles fazem hoje têm o objetivo de estudar e aprofundar os mais

diferentes temas acerca da vida do casal, da igreja, da fisiologia humana, da paternidade/maternidade responsável, do planejamento familiar, do relacionamento entre pais e filhos, sobre sexualidade, sobre as DST's, enfim, quaisquer assuntos que possam estar relacionados à vida matrimonial.

Salientam que os casais ali presentes podem escolher os temas que gostariam de estar aprofundando naquele encontro preparatório para a vida matrimonial. São divididos em grupos, conversam entre si e, após um tempo determinado, escolhem os assuntos que serão tratados nas palestras.

Por sua vez, o Pe. Nadai nos disse estar quase certo que o tema AIDS não aparece na apresentação do curso. Isso, acredita ele, é porque não é da curiosidade dos casais que ali vão para se prepararem para o matrimônio, uma vez que parece que os casais já estão bem informados acerca dos perigos e conseqüências da AIDS na vida do casal, bem como de toda a família.

Conversamos com o Sr. Venâncio, coordenador da equipe, para demais informações: segundo ele, confirmando a narração do Pe. Nadai, a partir de 1996, passaram de uma metodologia expositiva para uma metodologia participativa. Esta metodologia fora inspirada no Movimento Familiar Cristão.

Segundo o coordenador, o grupo, hoje, é formado por 23 membros. Cada curso oferecido durante o ano conta com uma média de 20 casais e são realizados de quatro a cinco cursos no decorrer do ano. Para ele, confirmando o dito do Pe. Nadai, não há interesse em se tratar o assunto AIDS. Para ele, os meios de comunicação social têm desempenhado bem este papel. "Os meios de comunicação têm suprido as necessidades e até mesmo a curiosidade dos casais". O coordenador destaca que nem mesmo a questão dos métodos contraceptivos aparece entre os temas selecionados pelos casais.

Quando o interrogamos se, na possibilidade de falar a respeito de sexualidade no encontro, quais seriam os temas abordados, ele nos disse que tratam sobre a fisiologia humana, masculina e feminina; o controle de natalidade; o planejamento familiar; e o exame pré-nupcial, como sendo questões que eles estão prontamente preparados para abarcar ou tratar em uma discussão.

Quanto aos métodos contraceptivos, ele nos afirmou que não tratam simplesmente do que a mídia revela ou apresenta, mas sim discorrem “a visão maior” do sentido dos meios de contracepção. Com isso, ele nos quis dizer que não basta tratar estes métodos de forma simplista como tratam os meios de comunicação, mas sim, mostrando o verdadeiro sentido de um relacionamento conjugal feliz e na maturidade, conforme anuncia a doutrina católica. Ele ainda nos disse que o método adotado por eles vem dando muito resultado.

Neste sentido, concluímos que o tema AIDS fica muito comprometido quando desejamos uma maior interferência por parte da Igreja. A mesma precisa estar em constante diálogo com a sociedade e sempre que possível, estabelecer contato com outros agentes para desenvolver e abraçar campanhas. Por exemplo, a mobilização da sociedade, governos estadual e federal, empresários, meios de comunicação e da própria Igreja Católica no Estado do Ceará, fizeram com que o índice de mortalidade infantil do Estado diminuísse consideravelmente. Neste ponto, como seria importante uma campanha sobre a AIDS, tendo a mobilização das diversas instituições, inclusive, com a adesão da própria Igreja Católica?

“(...) os serviços de saúde do Estado do Ceará não possuíam meios para atingir regularmente os seis milhões de pessoas. Portanto, o Governo do Estado decidiu recorrer às organizações não governamentais, igrejas, mídia, setor privado e Sociedade Cearense de Pediatria para ajudarem na campanha de diminuição da mortalidade infantil. Mensagens sobre aleitamento materno apareceram até mesmo nos extratos bancários” (LIMA, 2001, p. 200).

A pesquisadora nos mostra ainda que: o “envolvimento da Igreja Católica foi decisivo para conseguir milhares de voluntários e atingir centenas de pessoas nas áreas mais pobres do Estado” (LIMA, 2001, p. 200).

Portanto, claro que não é fácil discutir estes temas, especialmente numa paróquia tradicional. A cultura religiosa que norteia estes paroquianos ainda é marcada pelo conservadorismo. Muitas

pessoas que participam das celebrações e atividades paroquiais são da “terceira idade” e não estão habituadas a tratar temas da modernidade. Podem até ser compreensivas e abertas, mas a cultura religiosa que carregam está caracterizada por uma formação rígida dos anos 50/60. Para a própria paróquia mudar esta forma de agir não é fácil. Talvez seja necessário investir nas crianças e nos jovens que participam da comunidade.

Perfil 3

A paróquia São Geraldo Magela está localizada na região oeste da cidade de Campinas. Uma região pobre, marcada por inúmeros contrastes sociais e invasões. A paróquia São Geraldo Magela é a única da nossa pesquisa que possui uma Pastoral da Família.

De acordo com o Pe. Rogério Andrade Santeri, e da leiga responsável pelos encontros e curso de noivos há cinco anos, Sra. Elsa Saran Rodolfo, a Igreja ainda se mantém muito tímida em relação à Pastoral da Família, no que se refere a comunicação e/ou informação sobre AIDS. Pelo que podemos perceber através das entrevistas, realmente, o tema AIDS não é abordado na Pastoral da Família.⁵

Pela conversa do Pe. Rogério Santeri e da senhora Elza, coordenadora dos cursos, ficou evidente que o trabalho ainda é muito limitado. Apenas o grupo que coordena o “Curso de Noivos” procura abordar o tema AIDS, ainda assim, de maneira muito tímida, como citação.

A paróquia possui o E.C.C. – Encontro de Casais com Cristo –, mas não foi mencionado na entrevista. Se o tema AIDS fosse abordado neste movimento, certamente, ele seria citado. A nova metodologia do “curso de noivos” deveria responder às novas necessidades dos casais, mas isso ainda não acontece.

Pelas palavras do Pe. Santeri existe uma grande dificuldade por parte dos membros da hierarquia católica em relação aos temas complexos e polêmicos. Os novos sacerdotes não estão preparados

⁽⁵⁾ Na pesquisa completa está a entrevista do Padre Santeri e da coordenadora dos cursos da Paróquia São Geraldo Magela.

para oferecer uma resposta adequada aos problemas do nosso tempo. Mesmo tentando acompanhar o que se passa no “mundo da mídia” e querendo possuir um discurso “moderno” eles estão por demais enquadrados no discurso oficial da hierarquia.

Na verdade, fazem uma imensa confusão entre o desejo de ser “moderno” e a realidade eclesial. As tentativas de modernizar o discurso com novas metodologias para “curso de noivos” e outros, apenas agravam os problemas.

Talvez a questão maior não esteja somente nos padres e agentes de pastoral, mas na própria Igreja enquanto instituição. O magistério eclesial, com relação às questões morais do nosso tempo, não tem oferecido abertura para o diálogo. As pessoas ficam com um certo “medo” de abordar temas polêmicos. Como abordar o tema AIDS? O que falar? Como analisar o discurso da mídia? Como transmitir o discurso oficial do magistério eclesiástico para pessoas que olham com descrédito para este mesmo discurso? Como anunciar este discurso se as próprias pessoas encarregadas de fazê-lo não crêem nas evidências? Apesar das tentativas de modernização, a conclusão que se impõe é esta: o discurso oficial da Igreja Católica sobre a sexualidade em geral está “desacreditado”, e não foi encontrada ainda uma nova doutrina.

É necessário romper com o medo e preconceito e criar, todos juntos, uma forma (metodologia) e um conteúdo moral que seja sério e atraente para as pessoas.

3. AIDS E PASTORAL FAMILIAR

É incontestável a importância da família nos planos de Deus. Desde as primeiras páginas da Escritura Sagrada aparece o relato da criação do primeiro casal e sua missão. “A família é uma instituição divina desde sua origem e está profundamente vinculada a seu plano” (CNBB, 1993, p. 11).

A Igreja, por sua vez, sempre devotou particular estima à família e ao casamento. Prova disto, é que nos últimos tempos o Magistério tem multiplicado textos e estudos sobre este assunto que

visam incentivar a vivência da santidade do lar e o valor da família cristã. Nesta ótica a família é “um dos bens mais preciosos da humanidade; fundamento da própria sociedade; primeira escola de virtudes sociais” (CNBB, 1993, p. 11). Por estas observações, concluímos que é na família que o ser humano recebe as primeiras instruções fundamentais a respeito dos valores do bem e da verdade, aprende a amar e a ser amado, experimenta a liberdade e constrói sua personalidade. É na família que se torna pessoa.

É sabido que na atualidade a instituição matrimonial, de modo particular a família brasileira, está atravessando uma grave crise. Luzes e sombras aparecem em seus horizontes. Parece, no entanto, que as sombras querem ofuscar a luminosidade. Entre muitos problemas enfrentados pela família brasileira podemos destacar: falta de consciência do que é ser um casal ou família cristã; falta de consciência da missão da família na Igreja e no mundo; multiplicação de separação com o rompimento do vínculo civil e separação de pessoas que receberam o sacramento do matrimônio; despreparo para o casamento: falta de maturidade e de vivência cristã; fragilidade do vínculo; influência negativa dos meios de comunicação; questionamento da indissolubilidade e fidelidade no matrimônio; dificuldade de compreender o sentido da sexualidade humana e aparecimento de formas exacerbadas de erotismo; falta de consciência do que vem a ser um compromisso; condições infra-humanas de moradias, alimentação e saúde.

Por esta razão, constata-se que a família passa por um momento delicado em muitos dos seus elementos que a compõe. Assim, do ponto de vista social, multiplicam-se dramas: condições indignas de vida; menores abandonados; adolescentes entregues às drogas; falta de educação. No que se refere a vivência cristã podemos lembrar: falta de pertença a Igreja; falta de fé; ignorância da missão cristã no lar.

Assim a família precisa de um socorro imediato e organizado. “Sublinha-se uma vez mais a urgência da intervenção pastoral da Igreja em prol da família. É preciso empregar todas as forças para que a pastoral da família se afirme e desenvolva, dedicando-se a um setor verdadeiramente prioritário, com a certeza de que a evangelização, no

futuro, depende em grande parte da Igreja doméstica” (CNBB, 1993, p. 13).

Por este motivo, nos afirma o documento da CNBB sobre a pastoral familiar que seu objetivo é “ajudar os casais a crescerem e amadurecerem no amor que os une; ajudar os casais a viverem o matrimônio como aliança eclesial e sacramental; ajudar os casais a viverem a sexualidade de maneira humana e cristã, colocando-se a serviço do amor, da aliança conjugal e da vida; ajudar os casais a viverem a fraternidade responsável e o planejamento familiar; ajudar os casais a descobrirem e assumirem seu compromisso apostólico, decorrente do batismo” (CNBB, 1993, p. 21).

Porém, o que na realidade percebemos não é isto, mas sim, uma degradação da família e da sexualidade humana, a qual deve-se ao fator de uma realidade desvinculada dos valores éticos morais que deveriam reger e conduzir a vida dos seres humanos.

Todavia, a sexualidade é reconhecida como dimensão da pessoa toda, segundo uma visão personalista sempre viva na Igreja, mas esclarecida melhor nos documentos recentes: “Reconhecem-se as contribuições da ciências humanas, como a psicologia e a pedagogia, para um sadio equilíbrio e uma adequada educação sexual; reconhece-se o papel complementar e a igual dignidade da mulher; reconhece-se o papel da responsabilidade dos cônjuges na regulação dos nascimentos e o papel da família na sociedade e na Igreja” (SGRECCIA, 1996, p. 302). Desta forma, entende-se o amor conjugal como caminho para a santidade dos cônjuges e fundamento de equilíbrio para as pessoas e para a família.

A linha doutrinal do Magistério Católico se move, mesmo com os enriquecimentos culturais e teológicos de que falamos, numa linha de continuidade no que diz respeito a alguns princípios: “A ligação entre sexualidade e matrimônio legítimo, no sentido de que o exercício encontra sentido e retidão, a plenitude humana e justificação somente no matrimônio legítimo; a vinculação no exercício do ato conjugal entre a dimensão unitiva e a dimensão procriadora, no sentido de que a procriação deve estar ancorada no ato conjugal, e isso em cada um dos atos conjugais e não apenas na diacronia da vida conjugal; a reafirmação da legitimidade de uma responsabilidade procriadora dos cônjuges a

ser buscada em comum acordo e com meios não artificiais; e a conseqüente condenação da contracepção, do aborto, da esterilização contraceptiva e da procriação artificial” (SGRECCIA, 1996, p. 303).

Assim, é importante analisar que a sexualidade humana não é, portanto, redutível a uma coisa ou a um objeto, mas é conformação estrutural da pessoa, uma estrutura significativa sua, mais ainda do que uma função: enquanto componente fundamental da pessoa, a sexualidade exige respeito e aceitação.

Diante de tudo isso, ao longo das últimas décadas, a permissividade sexual impôs-se, primeiro, como forma de contracultura e mais tarde como forma de cultura mesmo. A permissividade está, hoje em dia, integrada a nossos costumes e é ela que fundamenta os comportamentos sexuais do homem de hoje. Nos recusamos a submeter a toda regra moral sob o pretexto de que queremos nos libertar. Mas é essa libertação que nos conduz aonde estamos. De modo que, para corrigir esta situação pandêmica, na qual o vírus da AIDS tornou-se um de nossos mais temíveis inimigos, é preciso retomar as indicações e orientações que uma moral sadia nos propõe em termos de comportamento sexual. A sexualidade humana é importante demais, permeada demais de dignidade, para que possamos aviltá-la sem mais, em nome de que pretexto for.

Contudo, reconhecemos a gravidade do perigo que a AIDS faz planar sobre nós e, conseqüentemente, as profundas repercussões e mudanças no comportamento sexual. Volta-se a modelos, sobre os quais a moral de outrora dizia que se impunham, mas que a permissividade de hoje contesta.

Porém, toda prevenção deve estabelecer-se a partir de uma volta ao que a moral sexual e religiosa define como regras fundamentais: práticas da sexualidade heterossexual, recusa das práticas sodomitas, repúdio à prostituição e promiscuidade sexual, monogamia, fidelidade, respeito ao processo previsto pela fisiologia para que se estabeleça uma relação sexual sadia.

Desta forma, como nos afirma Charbonneau (1987, p. 45) “é sempre possível que um indivíduo, por fraqueza ou por opção, recuse o jugo recomendado pela moral, pela higiene, pela preocupação com sua integridade em termos de saúde. Quando, infelizmente for este o

caso, que pelo menos se imponha como precaução necessária o uso do preservativo”.

Convém lembrar, no entanto, que esse “mal menor” não é uma panacéia. Isso fica evidente quando se pensa na eventual ineficácia do preservativo. Em termos de contracepção, os dados mais recentes revelam um índice de falha que pode chegar até 26%. Se isso ocorre na relação heterossexual, é válido acreditar que o índice de ineficácia será o mesmo na relação homossexual, ou em qualquer outra forma de relação do tipo anal, o que equívale a dizer que, na prática, o uso do preservativo deixa uma possibilidade de contaminação equivalente a 26%. É um risco considerável, quando se trata de uma infecção tão grave como a que se propaga pelo vírus da AIDS. Por mais útil que possa ser em termos de prevenção, o preservativo não comporta, no entanto, qualquer garantia de segurança. Mesmo com o preservativo, o risco continua grande. Menor, mas sempre grave. Seria preciso não esquecer isso e não ver nele a salvação definitiva.

Para muitos casais que ouvimos, se a Igreja investisse na Pastoral da Família de modo eficaz, o jovem seria capaz de fazer a síntese a partir do exemplo dado pela própria família, dentro da própria casa.

Sem dúvida, é muito difícil para quem acompanha uma pessoa que se encontra com a doença já em estado avançado e com o perigo de morte iminente, aprender a amar sem exigir um retorno, na gratuidade que se ama uma criança recém-nascida, com carinho e solicitude. Tanto é complicado também para o enfermo que se sente incapaz de recompensar o amor e o carinho que às vezes lhe é dispensado, sabendo que não vai ter mais a oportunidade nesta vida de retribuir este carinho.

E tudo isso tem sido muito discutido por especialistas nas diferentes áreas de saúde medicinal, terapeutas ocupacionais e até mesmo por teólogos moralistas e pessoas ligadas à Bioética. Muito se tem feito – depois de nossa pesquisa é possível constatar – em relação ao doente, ao portador do HIV. São muitas as casas e acompanhamento, assistência, ajuda e carinho neste momento difícil da vida da pessoa. E muitas destas casas são coordenadas, administradas ou assistidas pela Igreja, seja católica ou não.

O que parece ser uma função dos órgãos governamentais, passou, aos poucos a ser assumido por órgãos não governamentais, facilitando, assim, a inserção e a atuação da Igreja neste caminhar. Porém, aos nossos olhos, se não fossem essas instituições desvinculadas do governo, muito pouco teria neste sentido.

Mas ainda há muito que se caminhar. Ainda há muito para se fazer, tanto no sentido de assistência aos já contaminados pelo vírus, como pelo trabalho de conscientização do perigo e formas de prevenção à AIDS. E é justamente aí que acreditamos que a Igreja Católica deve estar pecando mais assiduamente, pois muito pouco se tem feito neste quesito.

É claro que em nosso conhecimento e cultura, a moral cristã é a ideal, tudo aquilo que ela diz respeito à vida e à sua manutenção têm sua razão de ser. Porém, deve-se perceber que entre a idéia, ou seja, entre o seu mundo ideal e o real que estamos inseridos, há um abismo que separa, ou seja, existe uma distância concreta causada pela rapidez das transformações sociais e dos novos valores.

A doutrina cristã não pode e não deve mais ficar presa aos templos e livros, ela tem que sair para o mundo, ou seja, tem que se infiltrar nas realidades sociais, inserir-se na vida das famílias e no caminhar da humanidade, sem se esquecer que mais de seus $\frac{3}{4}$ da população são pobres e que pouco mais da metade é cristã. Ou seja, é para uma grande quantidade de pessoas, de gente que, às vezes, não compreende à sua doutrina. A Igreja tem que ser solidária, comprometida e eficaz. Para tudo isso, a Igreja deve trabalhar com uma comunicação clara e eficiente. Antes, porém, seu discurso precisa enfrentar os novos desafios. De acordo com Martin, a dificuldade da Igreja está justamente na diferença entre os discursos – de um lado o religioso, do outro o laico, “progressivo”, midiático, tecnológico. Por exemplo, na medicina, no que se refere a morte, o que atrapalhou o consenso entre a Igreja e a comunidade médica, está, meramente, entre o tradicional e o novo. Portanto, o novo, no exemplo abaixo como a “qualidade de vida” passa a ser desafio da Igreja:

“Uma coisa que, no passado, dificultou a comunicação entre a tradição secular e a ética médica e a tradição religiosa nesta questão da

arte de morrer bem foi a ênfase que os adeptos da tradição religiosa colocavam sobre a vida além da morte. Na teologia moral mais recente continua certa preocupação com este aspecto, mas há também um grande interesse pela qualidade da vida que antecede a morte e, é justamente nesta área, que há campo fértil para diálogo entre um humanismo secular e um humanismo religioso. Enquanto um valoriza a filiação humana e o outro destaca a filiação divina, ambos valorizam uma fraternidade comum que apela para uma solidariedade transformadora que ilumina o caminho dos companheiros e parceiros que andam juntos na sombra da morte” (MARTIN, s/d, p. 205).

O que se constata, então, a partir desta pesquisa e reflexão que fizemos é que a Igreja tem que se adequar aos novos paradigmas da modernidade e fazer também com que sua doutrina seja aceita. Não há dúvidas, porém, que se assim quiser fazer, terá que dar passos consideráveis em sua criatividade e abertura para o novo, para o diferente, podendo até acarretar mudanças em seu pensamento.

Mas, quando o assunto sexualidade entra em voga nas discussões eclesiais parece que tudo fica muito mais complicado. No entanto, só será possível uma mudança de mentalidade e, assim, a Igreja deverá fazer o seu papel de libertadora e defensora dos injustiçados, na medida em que discutir os problemas e levantar a bandeira dos mais pobres, dos mais simples e excluídos.

O que não dá mais para fazer é esconder que os problemas de saúde da humanidade, a sexualidade precoce e o mercado que a cerca, o uso de drogas e a falta de amor e solidariedade não têm nada a ver com a atuação da Igreja, e até mesmo achar que o que se faz já é o bastante! Jesus mesmo disse que são os “doentes” que precisam de auxílio e não os bons! É para estes que devem ser centralizada nossa atuação de imitadores de Cristo. É para a sociedade marginalizada que deve se voltar o nosso olhar neste novo tempo.

Por isso, resolvemos fazer esta pesquisa, lançar a questão e torcer para que mais pessoas se interessem pelo assunto e que

procurem, cada um fazendo a sua parte, diminuir o sofrimento de muitos e aumentar a perspectiva de vida de nossa sociedade, ainda que para isso tenhamos que nos confrontar com a moral da sociedade e da instituição eclesial.

4. DESAFIOS ÉTICO-TEOLÓGICOS

Escrever sobre AIDS a partir do ponto de vista ético-teológico é um desafio cada vez mais necessário e que se impõe cada vez mais à Igreja de hoje. Necessário porque incita ao aprofundamento da questão por parte dos teólogos, o que pode implicar na solidificação de uma teorização mais apropriada sobre o modo como lidar com a questão, o que em termos de prática pode trazer contribuições realmente significativas, sobretudo, se considerarmos o que diz respeito à orientação da Igreja sobre os modos de “prevenção” à doença. E impõe-se à Igreja de hoje não só pelo fato de ela mesma poder ver-se atingida pela problemática da AIDS (MARTINS, 2001), como também pelo fato de que dela é cobrada cada vez mais uma postura para lidar com a nudez e crueza da realidade tal qual se apresenta, de modo a agir perante ela, ou sobre ela, tal como Jesus o faria. Isso tudo tem vários desdobramentos. Tentemos considerá-los em seu alcance, complexidade e inter-relacionalidade.

Fica fora de questionamento que a prática da castidade (pré-matrimonial) e da fidelidade matrimonial, defendidas e incentivadas pela Igreja Católica, constituem, de fato, ação preventiva das DSTs/AIDS de indubitável efeito.

Louvável é ainda a visão de sexualidade humana que a Igreja tem no que diz respeito ao modo como esta dimensão do ser humano (a sexual) está intrinsecamente relacionada com todo o ser da pessoa: corporal, afetivo, relacional, psicológico, moral, espiritual. Assim, a sexualidade humana, para a Igreja, tem como eixo integrador e unificador da pessoa humana o amor. E em tempos de defasagem do uso desta palavra “amor”, em função de uma vivência hedonista e mesmo “consumista/capitalista” do sexo, esta visão integral da sexualidade humana da Igreja é mais que pertinente e digna de propagação. Apenas a título de ilustração:

“O ser humano é chamado ao amor e ao dom de si na sua unidade corpórea-espiritual. Feminilidade e masculinidade são dons complementares, pelo que a sexualidade humana é parte integrante da capacidade concreta de amor que Deus inscreveu no homem e na mulher. ‘A sexualidade é uma componente fundamental da personalidade, um modo de ser, de se manifestar, de se comunicar com os outros, de sentir, de expressar e de viver o amor humano’”(DOCUMENTO DO CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA).

A esta compreensão da sexualidade cabe o justo mérito por unir prática/relação sexual a respeito, a compromisso duradouro, a paternidade responsável, a fidelidade, a fé.

Também há fatos realmente sintomáticos com os quais a Igreja tem de se preocupar. Falemos de alguns, apenas a fim de ilustrar o silêncio eclesial sobre a camisinha, quando não de seu grito austero para que não a usem:

- Ficou-nos evidente o descompasso existente entre a Igreja Católica (no caso, no Brasil) e o Ministério da Saúde no *IV Congresso Brasileiro de Prevenção em DST/AIDS*, realizado em Cuiabá-MT, de 10 a 13 de setembro de 2001, em que estiveram presentes, participando e atuando em palestras e mesas redondas, inúmeras representações de diversos grupos de interesse de todo o país. No Congresso, do qual participamos para o enriquecimento deste trabalho, sequer foram considerados quaisquer pronunciamentos da Igreja sobre a questão da AIDS. Na única mesa redonda que trabalhou o tema “A Contribuição das Religiões na Prevenção das DST/AIDS”, os competentes representantes católicos (ligados ao franciscanismo) tiveram de enfrentar diretamente duras críticas de representante de “Parada Gay” de São Paulo, sendo que um deles ainda teve ainda de retratar-se com a representante da Igreja Metodista – que com os dois

católicos formava a mesa ecumênica – a qual, durante e ao término de sua colocação, foi aplaudida de pé, no Congresso em que, um ano antes, um bispo católico considerado pela mídia com progressista fora vaiado pelos congressistas. Cheirou um pouco de aversão à Igreja Católica. Fato particular que pode ser isolado, mas que não deixa de ser sintomático;

- O Encontro promovido pela Comissão de DST/AIDS da CNBB ocorrido em Itaiaci, Indaiatuba-SP, no ano de 2000, sofreu dura intervenção de representante do Vaticano, quando uma linha pró-camisinha ia tomando conta do encontro;
- As dificuldades em que se encontram alguns teólogos e mesmo membros da hierarquia católica diante da censura, discretíssima, mas existente, imposta contra pronunciamentos admissíveis do uso da camisinha, mesmo como “mal menor” ou mal (moral) necessário, na linha do pensamento católico não-oficial sobre moral sexual. Possível sinal disso, o “Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde”, muito bem conceituado e do qual também nos servimos neste trabalho, cita uma única vez a palavra “preservativo”, mas sequer trata da questão no verbete “AIDS”;
- A existência do HIV nas veias da própria Igreja, fato bastante abafado, mas já não oculto (MARTINS, 2001).

Feito o diagnóstico da situação eclesial católica, que repercute na situação enferma da sociedade, convém a apresentação de remédios que possam mudar o quadro clínico tanto de uma quanto de outra. Já basta a ausência de medicamento com sucesso para tratamento da AIDS! Esta pesquisa pretende colaborar qual cientista-teólogo-eclesiólogo para a obtenção da “panacéia” para o estigma em questão.

A questão da camisinha é um dos desafios para a Igreja. Entretanto, nossa pesquisa mostra que a camisinha não é somente um desafio para a igreja, mas, também para a sociedade. O problema da camisinha, não é o problema do preservativo, mas de uma concepção

de sexualidade. Está em jogo o modo como vivemos a nossa sexualidade. As pessoas que são influenciadas “pelos valores midiáticos” e outros, sem nenhuma capacidade crítica, buscam o sexo como prazer, divertimento, consumo e nada mais.

Neste sentido, usar a camisinha é preservar a si mesmo e o parceiro(a). É uma espécie de “mal necessário”, ou de “bem maior” como dizem os moralistas. Mas, as pessoas que possuem princípios religiosos e querem ser fiéis a estes, devem buscar outra forma de viver a sexualidade. A sexualidade está integrada dentro do valor da pessoa e do matrimônio sacramental. É vivida como fidelidade e indissolubilidade. Neste sentido, a camisinha como higiene ou como preservativo pode ser descartada, pois não será necessária na medida em que os namorados, noivos ou casados seguem outros critérios morais para a sua vivência cotidiana.

Entretanto, como vivemos num mundo em “crise de valores” é necessário muito discernimento ético para compreender esta questão de forma positiva. É preciso ainda, uma espiritualidade consistente para que a fidelidade aos “valores religiosos” se sobreponha aos valores da “sociedade consumista”, impulsionada pela mídia.

Os próprios religiosos consagrados não estão imunes do discurso moral da sociedade. Para eles, a espiritualidade deve ser mais concentrada, na medida em que sofrem de forma mais cruel as mazelas da sociedade:

“Esta sociedade estimula a sensualidade precoce, não educa corretamente os seus jovens, não cultiva valores de respeito e amor. Como padres, freiras, casais, jovens podem viver o valor da castidade e do amor desinteressado. Não penso que a repressão de hoje seja diferente da repressão de tempos atrás. Hoje vivemos um ‘liberalismo-repressivo’ que também faz mal” (TRASFERETTI, 2001, p. 3).

Concluimos que os desafios além de éticos também são teológicos, na medida em que colocam a práxis da moral dos cristãos em constante questionamento. A teologia moral precisa responder com

inteligência e criatividade baseando-se no Magistério, na Tradição e nas Sagradas Escrituras esses graves desafios do nosso tempo.

CONCLUSÃO

A Igreja Católica no Brasil, através de órgãos como a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) reconhece que a sociedade está mudando e que estas mudanças são os principais desafios para as pastorais. Com a chamada “nova evangelização”, a Igreja Católica na América Latina está se esforçando para compreender e “acolher” as mudanças que estão marcando o futuro da nossa sociedade. A Igreja encara muitos desafios, por exemplo, no campo econômico, político e social. No entanto, as respostas mais fortes estão no campo econômico e político, sendo que o campo social ou comportamental ainda se expressa de uma forma muito tímida.

A Igreja Católica constata que nos últimos anos com os avanços da tecnologia – cujos efeitos enormes e muitas vezes, prejudiciais à sociedade – muitas coisas foram modificadas, como por exemplo, a relação do homem e trabalho que está desencadeando uma “nova pobreza” em muitos países melhores do que os da América Latina. Contudo, esta situação também de ordem econômica coloca o mercado, acima de tudo, como o mais importante na esfera global. A maximização dos lucros é a maior estratégia do mundo pós-moderno.

Outros fatores que a CNBB, através de estudos e pronunciamentos como nas reflexões do *Sínodo para a América – 3* enumera, são os de ordem ilegais, como os tráficos ilícitos (drogas, armas); as nações mais poderosas não hesitam em facilitar o desenvolvimento em nações mais pobres das doutrinas “neoliberais” – do protecionismo ao boicote econômico – que subjagam países menores, pobres e/ou em desenvolvimento; a tecnologia que incorpora novas formas de saber e trabalhar, cujo resultado está no monopólio entre países ricos e conglomerados (grupos econômicos). Portanto, as desigualdades entre os países estimulam o avanço da pobreza que automaticamente interfere na desigualdade local-interna das grandes cidades.

Estes elementos são grandes desafios para a Igreja, assim como melhorar a comunicação nas pastorais, em especial da família, sobre as condições mundiais de epidemias, como a AIDS. No entanto, a Igreja ainda responde, de modo confortável, às questões mais econômicas e políticas. Com o chamado fenômeno da globalização, com todas as suas ambigüidades, a Igreja insiste em procurar soluções que venham a partir de uma qualidade humana ou social, ou melhor, a “qualidade total” como a própria Igreja denomina.

Na Comissão Nacional de DST/AIDS – Pastoral da Saúde – CNBB, numa carta aberta apresentada no *II Encontro promovido pela Comissão Nacional de DST/AIDS da Pastoral da Saúde/CNBB* tendo como tema de reflexão “AIDS e desafios para a Igreja do Brasil”, bispos, padres, diáconos, religiosos, religiosas, agentes de pastorais, lideranças de ONGs/AIDS, instituições membros do governo federal, assessores da CNBB, com o objetivo de traçar estratégias para o enfrentamento dessa pandemia, a Igreja tem se colocado a serviço dos excluídos com uma proposta pastoral e cristã valorizando a vida. De acordo com a carta aberta, a “epidemia da AIDS segrega os indivíduos da sociedade por meio da discriminação, do preconceito, e os coloca em situação de marginalidade, provocando sua morte civil”.

Citamos a seguir algumas questões levantadas sobre a Igreja do que pode ser melhorado dentro da realidade da AIDS:

“A Igreja deve ser presença animadora para que a vida prevaleça; atuar no controle da epidemia prevenindo e assistindo o portador do vírus; educar para uma sexualidade libertadora anunciando o evangelho numa visão empolgante, como dom e energia; respeitar as diferenças de gênero, raça/etnia, com o claro propósito de trabalhar com e na diversidade; recuperar na pessoa humana a ternura, o afeto e a misericórdia como compromisso de vida e fator de equilíbrio fundamental; favorecer o espírito de abertura e acolhida evitando o preconceito e a discriminação aos soropositivos e pessoas vivendo com HIV/AIDS; acabar com o rastreamento sorológico, favorecendo a realização vocacional da pessoa; não banalizar a fidelidade, valor do reino, como substituição do preservativo, mas como complementaridade da plenitude da vida; o amor fundamental e

misericordioso de Deus revela que AIDS, assim como outras patologias, não são 'castigos' – Ele não quer sacrifício, mas vida em plenitude.”

A Comissão ainda elabora alguns pontos como compromissos: elaborar e divulgar materiais e trabalhos existentes para a preservação das DST e AIDS; criar comissões de DST/AIDS em âmbito diocesano e regional; contribuir na elaboração de políticas públicas voltadas para HIV/AIDS; buscar ações concretas e conjuntas entre as pastorais, setores, movimentos, organismos, Igrejas Cristãs e outras religiões.

A conclusão deste encontro foi otimista, assim como está escrito na carta aberta: “A partir da pedagogia de Jesus, aprendemos a olhar a pessoa com os olhos de Deus, abraçando o ideal e a realidade, tendo atitude de escuta e acolhida, resgatando as potencialidades da pessoa humana”.

No entanto, ainda se tem muito a fazer. Num primeiro instante, aceitar que a comunicação sobre a AIDS na Pastoral da Família ainda é um tema pouco apresentado. A partir deste pressuposto, poderemos encontrar uma grande contradição por parte do pensamento da Igreja. Por um lado, como podemos observar pelos resultados desta pesquisa, a principal dificuldade da Igreja está em como abordar a questão da AIDS nas Paróquias ou em encontros de casais, mas, ao mesmo tempo, a Igreja destina seu propósito a realidade de que a Igreja está presente na vida, que deve educar através do evangelho para uma sexualidade libertadora.

Tendo já considerado os dois modelos do entender e do viver a sexualidade (o da Igreja e o do homem contemporâneo), vale ainda dizer que a ciência teológica carece bater nesta tecla. Tal esforço de forma alguma prejudicaria, pelo contrário, engrandeceria, seu empenho em, à luz do Evangelho de Jesus Cristo, transformar a sociedade atual. É verdade que a fome e a pobreza, assuntos que têm ocupado bastante a Igreja ultimamente, sobretudo a latino-americana, matam em proporções muito maiores que a AIDS. Contudo, a Igreja não pode omitir-se de se empenhar nesta luta contra o vírus da imunodeficiência humana sem trair os princípios de seu fundador – que a todos os sofredores dispensava atenção – e sem trair também sua própria condição de povo abençoado com os mais diversos dons do

Espírito para os mais diversos serviços à vida, em todos os desafios que esta possa apresentar; não se esta Igreja quiser generosamente oferecer outros princípios curativos – talvez os que são mais urgentes – aos males do mundo, além dos que, há muito, já vem doando com os valores que sempre cultivou e transmitiu.

Quais, pois, os recursos mais apropriados à prevenção à AIDS? Consegue-se *enxergar* todas as alternativas que possibilitem salvar as vidas nas condições tais quais se nos apresentam? Antes de julgá-las ou reprová-las, quer-se salvá-las? “Camisinha: usar ou não usar, eis a questão!”, parafraseando *Shakespeare*. “Não usar, ainda está em questão?!”, indagaría admirado o cientista moderno. “Afinal, o que é realmente que está em questão?”, perguntaria o filósofo. “Até quando ficarão nas questões?”, lamentaria o doente terminal, portador de HIV.

Meu Deus, desespera-se o leigo cristão. “Enquanto é dia, temos de realizar as obras daquele que me enviou; vem a noite quando ninguém pode trabalhar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo disse Jesus” (Jo 9,4-5), antes de curar um cego de nascença, doente tecnicamente incurável, a respeito do qual os discípulos ficavam fazendo especulações inúteis (cf. Jo 9,1-2). Diz o texto bíblico que, depois de interrogado por líderes religiosos, o pobre cego foi desacreditado de sua antiga doença e expulso por pretender ter-lhes algo a ensinar. Mais tarde, ele ouviu de Jesus: “Para um discernimento é que vim a este mundo: para que os que não vêem, vejam, e os que vêem, tornem-se cegos” (Jo 9,39). Alguns fariseus, irritados com a carapuça, ainda tiveram de ouvir de Jesus: “Se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas dizeis: ‘Nós vemos!’ Vosso pecado permanece” (Jo 9,41).

Portanto, a presença da Igreja na vida significa enxergar os grandes problemas da humanidade, um deles, a realidade de que a Aids existe, de que sua transmissão é através de contato sexual ou compartilhamento de seringas (no uso de drogas); de que cada vez aumenta o índice entre casais heterossexuais; que o discurso do casamento indissolúvel e da fidelidade não corresponde à realidade, mesmo sendo este ponto muito defendido pela Igreja. Não nos interessa o que deve ser premissa da Igreja ou não. O que nos interessa é verificar elementos da sociedade de hoje que acaba se distanciando do discurso oficial da Igreja.

Buscar a chamada “qualidade total” do homem, na qual também está incluída a questão da saúde, a questão da AIDS etc. No entanto, ainda é tímida a participação da Igreja neste aspecto. Como a AIDS depende de fatores comportamentais (sexuais, morais, culturais), a Igreja prefere ainda caminhar pela vertente econômica e política. Apesar desta dificuldade podemos encontrar muitas casas de acolhimento aos portadores do vírus sob administração da Igreja Católica. Os dados apontam para mais de 40 em todo o território nacional. As questões teológicas não estão na ordem do acolhimento, apoio espiritual e material, mas nos problemas ligados a prevenção, educação moral e pesquisa. Neste sentido, os desafios são muitos.

No campo político, os principais desafios para a Igreja perpassam pela própria democracia – ou melhor, a nova democracia ou a frágil democracia de alguns países –, as ambigüidades encontradas em representantes eleitos pelo povo, os escândalos de corrupção, a instrumentalização do poder político em favor de interesses individuais e fortalecimento de grupos organizados que recorrem às drogas como produto, e à violência como uma mera consequência. A Igreja Católica cita que a falta de um “*ethos*” democrático enraizado, em especial nas sociedades latino-americanas, que possuem historicamente e tradicionalmente características de colonização, dependência econômica, autoritarismo político e a difusão das ideologias mercadológicas que através dos grupos de mídia – que também marcam através da manipulação da opinião pública decisões que comprometem os quadros político-sociais e comportamentais – interferem na dinâmica social de cada país.

Portanto, a Igreja busca os mais diversos temas e justificativas para responder às crises atuais. Ainda no âmbito político a Igreja defende a ética política como sendo este campo fundamental para o aprimoramento dos regimes democráticos, além da participação popular nas comunidades locais, nas escolas, nos organismos de saúde pública e de proteção da infância e adolescência. Sob este prisma, nos perguntamos: tendo consciência das dificuldades do mundo de hoje e consistência em seu discurso – a questão da saúde, a AIDS, em especial, não só de responsabilidade de órgãos públicos de saúde – por que a Igreja não assume também uma responsabilidade mais eficaz em seu campo de atuação?

Ataques à Igreja de nada valem, a não ser para “acordá-la”, e só se for feito de certo modo. Crítica que lhe seja construtiva, capaz de ajudá-la a melhorar, as mais eficientes são as que lhe vêm de dentro. O importante é o serviço prestado à vida que ambos, criticada ou críticos, desempenham no decorrer da dialética da vida e da sociedade.

Almejando prestar este serviço, tanto de melhoria de vida aos portadores do HIV quanto o salvaguardar da vida dos não-infectados, recordamos as intuições trabalhadas e acenadas ao longo deste texto e, resumidamente, aqui as elencamos como desafios/compromissos para as diretrizes pastorais da Igreja:

- dar visibilidade à dura realidade e ao perigo da AIDS;
- incentivos e investimentos financeiro e humano por parte das localidades eclesiais (paróquias) na abertura de casas ou centros de tratamento/acolhimento dos soropositivos;
- campanhas contra o preconceito e discriminação aos portadores do HIV. Poderia haver uma Campanha da Fraternidade que tratasse especificamente da AIDS;
- conscientização da problemática da AIDS nos inúmeros espaços de comunicação popular da Igreja Católica: catequeses infantil, juvenil e familiar, discurso homilético dos sacerdotes nas missas, e também seus meios de comunicação em massa (rádios e TVs católicas);
- formação de agentes de pastoral e líderes comunitários (inclusive dos futuros padres) com sensibilidade especial para com os soropositivos, vítimas da desesperança;
- aprofundar o diálogo com as ciências;
- transmissão da visão integral da sexualidade humana, associada a valores como amor, respeito, compromisso, fidelidade conjugal, gratuidade e liberdade responsável;
- renovação de alguns elementos da moral sexual católica;
- introduzir temas complexos de moral sexual nos movimentos de casais;

- educação a solidariedade de toda a humanidade e o dever de distribuir de maneira justa os bens;
- promoção do princípio de co-responsabilidade referido a todos os seres da terra atuais e virtuais;
- compromisso de construir uma Igreja que testemunhe igualdade entre homens e mulheres como proposta exemplar que confronte as culturas que não vivem tal dimensão;
- contribuição com a humanização da sexualidade como dimensão humana essencial que há de integrar harmoniosamente a beleza e bondade da relação entre paixão erótica, intimidade emocional e compromisso interpessoal;
- perder o medo ou a vergonha de abordar estes temas. Abrir um diálogo frutífero com a juventude católica, seus pais e familiares;
- superação definitiva do moralismo e dualismo com que muitos líderes católicos pastoreiam suas comunidades;
- conversão contínua da Igreja mediante leitura da realidade (“sinais dos tempos”) e confronto com a práxis de Jesus de Nazaré (método ver, julgar e agir);

Podemos dizer efetivamente que do ponto de vista teológico estamos diante de um sinal dos tempos (GOTTIER, 1990, p. 34-39) que deve ser respondido com muito sensibilidade teológica. Diante da crise de valores que estamos vivendo, como apontaram Jérôme Bindé e Jean-Joseph Goux nada melhor do que reconsiderar nossos costumes e hábitos.

Uma nova espiritualidade precisa emergir, sobretudo, no seio familiar. No artigo “Crise social: da família ou do amor?”, segundo o autor, “nas sociedades pós-modernas, a família em sua forma clássica está sendo pulverizada por outros agentes sociais. Hoje encontramos muitas outras formas de acasalamento amoroso, ou de relacionamento conjugal. São relações pré-matrimoniais, pré-cerimoniais, extra-matrimoniais, enfim, quantos outros sufixos forem necessários” (TRASFERETTI, 2001, p. 3).

Esperamos que alguns passos tenham sido dados no ato da reflexão sobre o nosso objeto de pesquisa. Evidentemente, muitos caminhos ainda precisam ser trilhados. Aprofundar o diálogo com a sociedade, na tentativa de criar espaço para discussão livre como forma de construir consciências maduras e responsáveis. A construção de uma consciência moral é uma tarefa coletiva. É preciso incorporar novos sujeitos teológicos na discussão moral. Casais, profissionais liberais católicos, leigos engajados deveriam tomar a palavra neste debate e oferecer suas contribuições. Nesta expectativa, colocamos este texto para que o diálogo sobre este e outros temas se realizem em nosso meio. Agradecemos todas as colaborações e críticas como forma de enriquecimento cultural e teológico.

BIBLIOGRAFIA

- BINDÉ, J. e GOUX, J-J., *Valores: para onde vão? Folha de S. Paulo*. Tendências/Debates, 16 de dezembro de 2001.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. BARREIRA, D., CARMEM, D., CASTILHO, E. A., *Aids no Brasil: situação atual e tendências*, Brasília, 2000.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE, *Aids em mulheres cresce no interior*, Brasília, 2000.
- CNBB, *Igreja e comunicação. Estudos da CNBB*, São Paulo, Paulus, 1993.
- COMISSÃO NACIONAL DE DST/AIDS. PASTORAL DA SAÚDE – CNBB, *Pronunciamento de RIXEN, Dom Eugéne durante a Assembléia Nacional dos Bispos do Brasil*, Porto Seguro, abril de 2000.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Sexualidade humana: verdade e significado – orientações educativas em família*, São Paulo, Paulus, 1996.
- CHARBONNEAU, P. E., *Aids: prevenção, escola*, São Paulo, Paulus, 1987.
- GOTTIER, G., *Sida: un signo de los tiempos? In: Dolentium Hominum*, 1990.

- KEENAN, J. F. (org.), *Catholic ethicists on HIV/Aids prevention*, New York/London, Continuum, 2000.
- JANSEN, R., *Unaid's acusa Igreja de minar prevenção*, O Estado de S. Paulo, Caderno Geral, 07 de novembro/2000.
- JANSEN, R., PENNAFORT, R., *País é citado como exemplo para o continente*, O Estado de S. Paulo, Caderno Geral, 07 de novembro/2000.
- LIBÂNIO, J. B., *Solidariedade e caridade cristã*, *Jornal de Opinião*, Belo Horizonte, 26 de nov. a 2 de dez., 2001.
- LIMA, M. E., *Comunidade, governo e instituições sociais*, in EPSTEIN et alii (orgs.), *Mídia e Saúde. Anais da Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde*, Adamantina, UNESCO/UMESP/FAI, 2001.
- LUNA, S. V., *Planejamento de pesquisa: uma introdução*, São Paulo, EDUC, 1998.
- MARTIN, L., BALDESSIN, A., *Conviver com a Aids*, Aparecida, Santuário, 1990.
- MARTINS, L., *Aids dentro da Igreja Católica já preocupa*, in *O Estado de S. Paulo*, 23/09/2001..
- RIXEN, E., *Pronunciamento durante a Assembléia Nacional dos Bispos do Brasil. Comissão Nacional de DST/AIDS. Pastoral da Saúde – CNBB*, Porto Seguro, abril de 2000.
- TRASFERETTI, J. A., *Encountering a Brazilian man abandoned in his illness*, in KEENAN, James F. (org.), *Catholic ethicists on HIV/Aids prevention*, New York /London, Continuum, 2000.
- _____, *Padres, freiras e pós-modernidade*, *Correio Popular*, Campinas, 27 de março de 2001.
- _____, *Crise social: da família ou do amor*. *Correio Popular*. Campinas, 31 de maio de 2001.
- _____, *Teologia e realidade social*, Campinas, Alínea, 1998.
- TRASFERETTI, J. A., *Paróquia Nossa Senhora da Evangelização. Entrevista concedida a André Luiz Fávero*, Campinas, 2001.
- TRASFERETTI, J. A. e DI LASCIO, L. R., *A AIDS e a teologia católica*, *Correio Popular*, Campinas, 2 de dezembro, 2001.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

- www.aids.gov.br/final/dados/aids.htm - *Dados e pesquisa em DST e Aids. Dados do HIV*, 2001.
- www.aids.gov.br/final/dados/aids.htm - *Dados e pesquisa em DST e Aids, 2001. Dados da Aids*, 2001.
- www.oul.com.br - *Notícias UOL. Mais idoso, o Brasil chega a 169,8 milhões de pessoas*, 19 de dezembro de 2001.
- www.ig.com.br - *HIV está cada vez mais resistente, revela estudo*, 12 de dezembro de 2001.

O Pe. José Antonio Trasferetti, Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, é Professor Titular da FTCR da PUC-Campinas, lecionando Antropologia Teológica, Moral Social e Ética e Política no Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

e-mail: trasferetti@uol.com.br

